outubro/2020

Revista Verlidelas

edição nº 04

reflexões sobre a CEGUEIRA a partir da obra de Saramago

DIVERSÃO EM **prosa** & VERSO

HATERS literários

Um bate-papo junguiano com

MOGG MESTER

VERLIDELAS

outubro/2020

Sumário

ENTREVISTA ... 03
***Haters* Literários**
Mogg Mester

CONTO ... 12
Ainda Temos Tempo
Miguel Dracul

OPINIÃO ... 19
Reflexões Sobre a Cegueira
Sergio Carmach

POESIA ... 23
Alexandre Matheus

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Foto de capa:
•Lucas de Medeiros

Foto de Miguel Dracul:
• José Ignácio
Instagram: @joseig.fotos
E-mail: joseigfotografia@gmail.com

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

A revista deste mês chega com novidades. Em nossa primeira entrevista temática, o escritor Mogg Mester aproveita sua formação como psicólogo junguiano para falar, de forma técnica e ao mesmo tempo compreensível ao leitor comum, sobre *haters* na literatura. Seguindo a mesma linha reflexiva, um texto opinativo analisa supostas mensagens subliminares contidas no livro "O Ensaio Sobre a Cegueira", de José Saramago. Para divertir de uma maneira que também faça pensar, trazemos uma poesia e um conto singelos e luminosos de dois jovens autores. Talvez você os termine se perguntando sobre escolhas, sobre o colorido da vida...

Nesta edição, divulgamos o resultado da seleção para a antologia "O Medo que Nos Envolve". Se você se inscreveu, não deixe de ver se seu nome está na relação. Agradecemos a todos os participantes e parabenizamos os selecionados!

Então, queridos leitores, avancem pelas páginas e boa leitura!

Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:

Conheça

Conheça

Conheça

Conheça

HATERS literários

Autor do livro de histórias fantásticas “A Alameda dos Algodões Flutuantes” e de textos que integram diversas antologias da Verlidelas, o escritor e psicólogo junguiano Mogg Mester fala a respeito da hostilidade existente no meio literário em relação aos que cometem falhas ou pensam diferente

Entrevista

MOGG mester

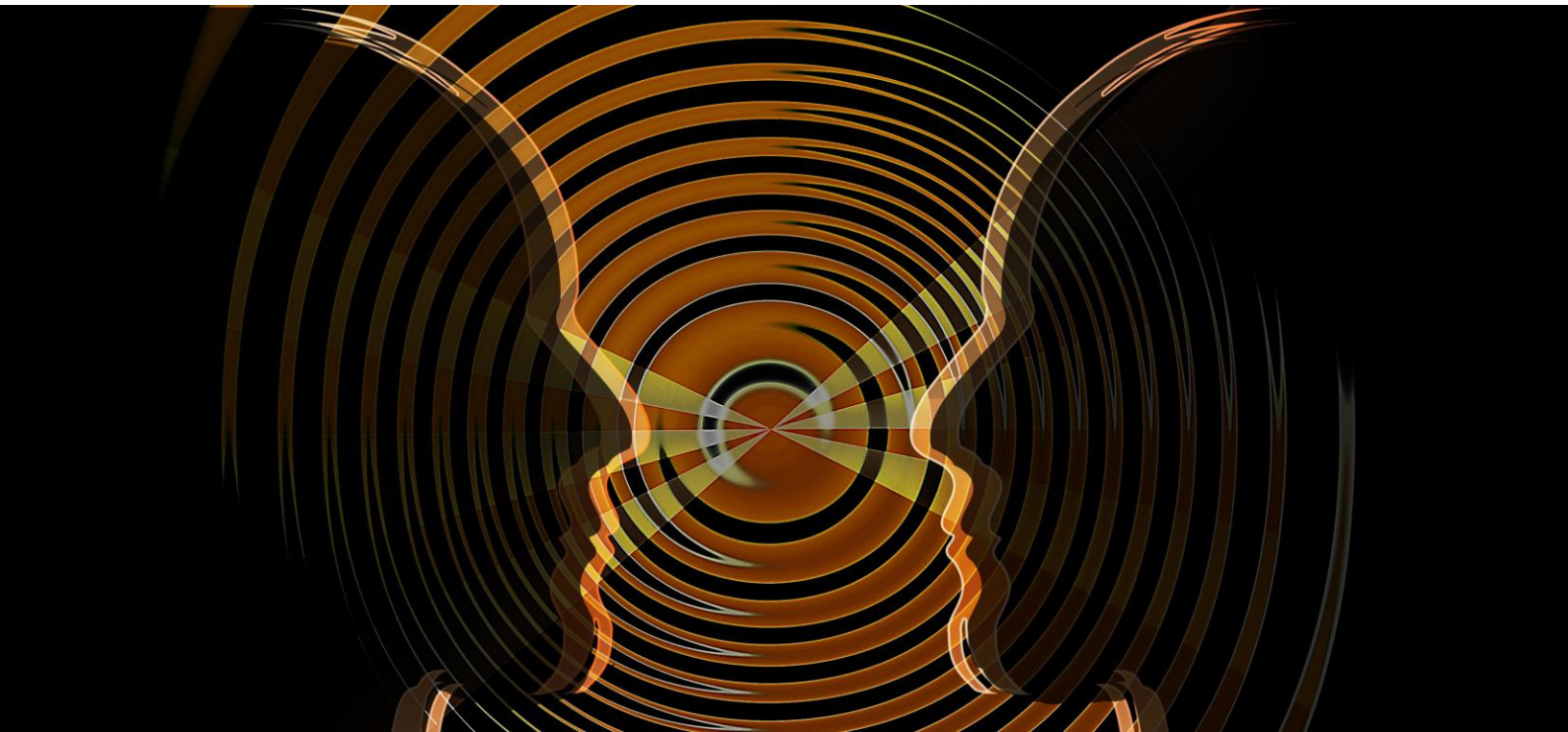
POR SERGIO CARMACH

Por que você acha importante falar sobre esse tema?

Alguém que pretenda ser autor, revisor ou crítico – seja como leitor beta ou como profissional – deve pensar a respeito. As atitudes de pessoas do nosso ramo, principalmente em discussões nas redes sociais, têm me deixado um pouco decepcionado. Sensível a essa situação – que me parece generalizada no universo literário, no Brasil e lá fora – decidi falar a respeito partindo de uma visão embasada na teoria junguiana. Não sou o dono da verdade, nem sou o dr. Jung, mas essa opinião pode ser útil. Com um pouco de boa vontade, podemos melhorar as relações humanas em nosso meio, que tenho percebido bem precárias. Se você pensa em ser escritor, certamente já conhece a *jornada do herói*, ou ouviu falar dela. E, creio eu, prega aos quatro ventos sobre a importância de sabê-la e lê tudo disponível a seu respeito, inclusive os livros de Campbell e Vogler. E Campbell, em meio a outros conceitos, utiliza os arquétipos idealizados por Jung. Dentre eles, o *arquétipo da sombra*. Usa-o muitas vezes como algo ligado à tal jornada, aos conflitos do herói no encontro com sua própria sombra – manifestada no vilão e em seus lacaios. Vogler estende isso para roteiros de cinema e obras literárias em seu "Jornada do Escritor". Mas não vou me prender a livros. E não é meu objetivo exaurir o tema ou me aprofundar demais nele. Aqui eu gostaria de falar a respeito da sombra e suas nuances de maneira despretensiosa, mostrando como ela pode estar intimamente ligada ao dia a dia de autores, leitores e críticos sem que tenhamos a noção de como pode agir e dos problemas que pode nos provocar.

Então você está contestando a maneira de agir das pessoas?

Todo mundo tem o direito de acreditar e defender o que quiser. Mas isso precisa ser feito de maneira madura e responsável, por vezes até condescendente. Não estamos em uma disputa para saber quem é o melhor defensor de uma ideologia ou de uma postura. Imagino e espero, pelo bem de nossa sanidade mental e do equilíbrio social, que não estejamos numa caça às bruxas. Somos todos colegas de um ofício que visa levar entretenimento ao público, levando em conta os interesses de cada nicho do mercado. Precisamos de pessoas que se ajudem. Mas não estamos livres de errar ou de cair nas teias da própria sombra. Precisamos de menos patrulha ideológica e mais amizade, de menos regramento e mais companheirismo, de menos brigas e mais orientação. Não é preciso amar o outro, mas um ato de apoio pode impulsionar alguém perdido a um caminho brilhante. Pontuar as falhas de forma crítica é diferente de ser grosseiro ou estúpido. Criticar é mostrar uma



direção por meio de pontuações eloquentes, comedidas e respeitosas. Isso requer maturidade. Se queremos mudar nosso país, nossa cultura, nossos vícios e falhas, seja na literatura ou em outros assuntos, devemos realizar um trabalho de sedução, de condução daquele ou daquilo que desejamos melhorar ou modificar. É quase um trabalho de verdadeira conversão. Com grosseria, damos um passo atrás naquilo que pretendemos, pois geramos no outro uma reação defensiva – algo inerente ao humano, algo instintivo – o que atrasa ainda mais os nossos objetivos e fortalece a posição indesejada de quem interpelamos.

Qual estratégia atrai mais simpatizantes para a causa desejada?

Se desejamos um meio literário mais saudável e produtivo, precisamos atrair aliados, e não criar inimigos. Só assim vejo um futuro glorioso para a literatura nacional, com menos sombras e egos inflados. A ideia da sombra é profunda, fruto de muitos estudos de terapeutas e teóricos junguianos. *Sombra* pode se encaixar nas concepções de *arquétipo* e *complexo*, assim como pode tomar uma conotação de *lugar*, *pessoa* ou *conteúdo*, manifestando-se de inúmeras formas através de sonhos, atitudes, pensamentos, conceitos, preconceitos etc.

O que é exatamente essa sombra?

Stein e Hall apontam que o ego é uma estrutura psíquica de identidade que vai se desenvolvendo com o processo de amadurecimento do indivíduo. Ele se forma pelo retorno que o mundo externo nos dá quando atuamos na esfera extracorpórea através de algumas atividades, tendências inatas e atitudes que podem ser aceitas ou rejeitadas pela família ou sociedade. As que foram rejeitadas (nem sempre são características tidas como negativas), tanto pelo indivíduo em desenvolvimento quanto pela família, aglomeram-se como imagem de *alter ego* na forma de conteúdos que não estão à "luz" da consciência, ou seja, inconscientes. Daí o nome dado por Jung:

sombra. Segundo Hall, os conteúdos sombrios são usualmente associados a sentimentos de culpa, sendo dissociados de nosso ego dominante, aquele com o qual nos identificamos. Uma característica marcante da sombra é, para exigir o quinhão de vida consciente que lhe foi negado, retornar através de atos falhos, ativações súbitas etc., causando-nos desconforto e ansiedade e nos levando a atitudes impulsivas que normalmente não concretizaríamos. Stein afirma que um dos conteúdos psíquicos inconscientes que o ego não controla é a sombra, sendo que aquele muitas vezes nem sequer tem consciência de que possui uma instância sombria.

A sombra, então, seria um lado menos luminoso, menos perfeito de nós?

Segundo Jung, nós imaginamos que somos capazes de lidar com esses conteúdos sombrios, mas não paramos para pensar em como eles lidam conosco. A sombra nos deixa de mãos atadas. Para os junguianos, além de ser personificada em sonhos e material de fantasia, ela é geralmente projetada em pessoas do mesmo sexo por um sentimento de antipatia e inveja. Partes da personalidade que deveriam pertencer ao ego – mas que estão suprimidas – são lançadas na sombra. Ou seja, tudo o que optamos não ser conscientemente torna-se uma parte nossa no inconsciente. De forma geral, esses conteúdos são suprimidos por serem vistos como pouco aceitáveis, como fora dos costumes e convenções morais da sociedade. Todo ego, então, tem uma sombra. Em sua adaptação para o enfrentamento do mundo e do cotidiano, ele a emprega involuntariamente para executar as operações que trazem desconforto e conflitos morais. Por isso a sombra atua de maneira sorrateira, inconsciente, de uma forma que fica difícil ao ego acessá-la.

Mas o que sombra tem a ver com leitura crítica, revisão, escrita e leitura beta?

Ao que observo, muita coisa. Em especial, com relação a posturas e atitudes de pessoas ligadas a essas atividades. Elas muitas vezes nem sequer têm consciência de que estão ou podem estar projetando – no sentido psicanalítico – sua própria sombra nos outros.

Fale um pouco sobre "projetar a sombra".

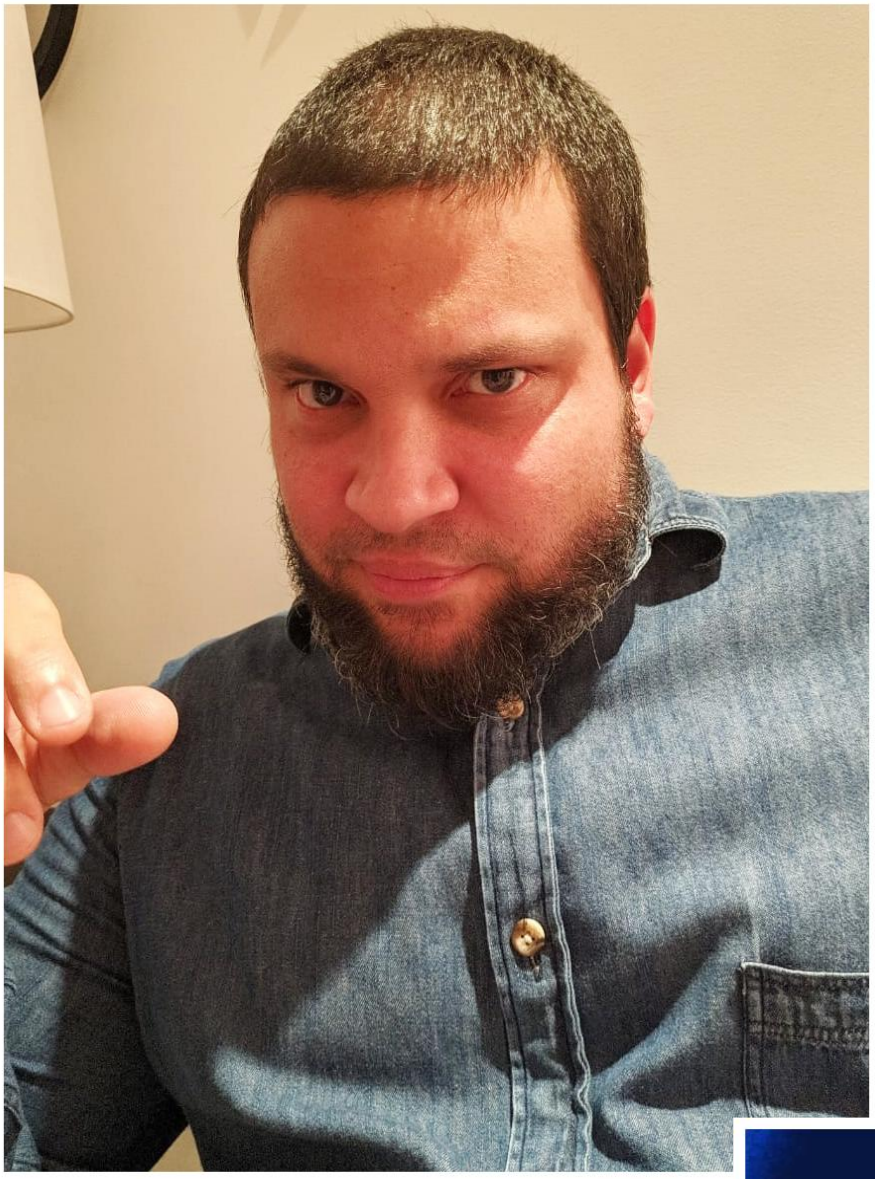
A maldade está aí. As pessoas morrem por causa de ações alheias. São ofendidas, traídas, usadas, roubadas... Há gente armada e que atira injustificadamente em outras pessoas, políticos agem com desonestidade. E alguns autores defendem implicitamente algumas asneiras... A projeção pode coincidir com a realidade e às vezes estamos completamente certos em antipatizar com alguém.

Mas nem sempre é assim. E a psicologia analítica avalia a razão de alguém nos incomodar nesses casos. Muitas vezes é porque ele nos põe em contato com algo que trazemos dentro de nós, e que é insuportável para nós mesmos. Então, imputamos essa característica negativa ao outro e nos pomos a combatê-la como um cruzado, pois é mais fácil lidar com tal realidade quando a jogamos para fora de nós. Costumo dizer que as pessoas projetam para se suportarem. Caso não fizessem isso, seriam destruídas por si mesmas devido ao grau de inconsciência em que se encontram e à inabilidade de lidar com conteúdos dos quais são reféns. Faça um exercício. Pergunte-se por que determinado político incomoda você. Pegue essa característica que pensou e estude seu conceito de forma mais aprofundada. Depois se questione: Quando *sou* essa qualidade que deploro? Em que situações? Que justificativas uso para ser assim nesses momentos? Durante o exercício, podemos perceber que, em maior ou menor grau, a tal característica do político também faz parte de nossa personalidade, muito embora possamos tê-la rejeitado em algum momento da vida como imoral ou inconveniente. Certamente, a maioria dirá que essa qualidade negativa está em quem propôs o exercício ou em outra pessoa; ou a negará, chamando a reflexão de superficial ou simplista. Só os honestos reconhecerão publicamente que em algum momento da vida já *foram* essa característica, embora tenham mil justificativas (não desagradar alguém que ama, proteger uma pessoa...).

> **Como não conseguimos nos olhar de maneira desnuda, tomamos uma postura de inquisidores, de caçadores de bruxas**

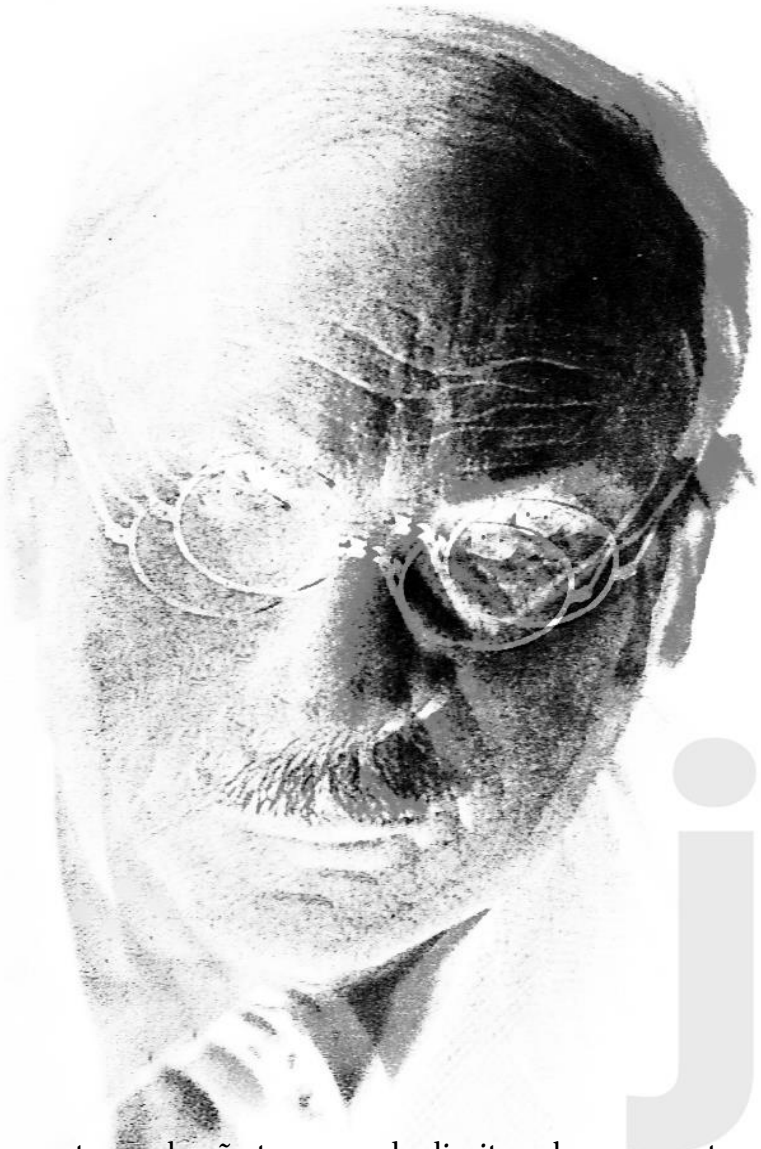
Então você entende que o autoconhecimento pode trazer uma mudança de ares ao meio literário?

Exato. Como não conseguimos nos olhar de maneira desnuda, tomamos uma postura de inquisidores, de caçadores de bruxas, sem nem ao menos refletir. Na área literária, tenho percebido isso nos comentários e conclusões alheias sobre diversos assuntos, em especial nas redes sociais. As falas vão se tornando mais fortes à medida que os debatedores e seus seguidores se inflamam e se tornam repletos de um desejo *altruísta* de corrigir a realidade. Mas qualquer um comete erros. Por que, então, essa atitude contra as falhas alheias? Pontuar e falar com franqueza, sem grosseria, pode ajudar um



autor a melhorar. Em vez disso, vejo uma brutalidade que visa desmoralizar, deixando autores iniciantes confusos, sem esperança. Perceber que conteúdos sombrios existem e que podem aflorar a qualquer instante, até mesmo quando se escreve um texto, é importante para que tenhamos mais humildade e, talvez em alguns casos, mais condescendência com pessoas que erram na literatura. Um autor criticado pode ter liberado – sem querer, de forma inconsciente – conteúdos de sua sombra no texto que produziu. Um leitor crítico ou beta, ao se deparar com esses miasmas psíquicos, pode se sentir mexido porque travou contato com conteúdos sombrios seus através dos ingredientes sombrios do outro. Seguem-se uma enxurrada de sensações desagradáveis, repulsa pelo texto, raiva contra o autor e projeções. “Como esse cara pôde escrever isso?! Não tem consciência?! Não pensa na sociedade?! Não tem empatia com os outros?!” A resposta eventualmente pode ser “Não”. Mas, pelo que percebo, quase sempre é inconsciência mesmo. Houve o erro, claro, mas não houve consciência dele. Ele pode ter sido suprimido por algum mecanismo defensivo. Passou. Isso pode ocorrer com qualquer um, reitero. Até os terapeutas se veem vítimas de seus conteúdos sombrios e de seus mecanismos defensivos, algo que Freud destrinchou bem ao falar dos fenômenos da Transferência e Contratransferência. Adolf Guggenbühl-Craig, em “O Abuso do Poder na Psicoterapia e na Medicina, Serviço Social, Sacerdócio e Magistério”, fala exatamente sobre isso. Inclusive, ao psicólogo iniciante é recomendado que pague um outro psicólogo mais experiente para ser seu supervisor de casos (o que não é demérito; pelo

contrário, é motivo de orgulho) e que faça terapia, por vezes exigida pela própria instituição em que trabalha. Precisamos refletir antes de imputar a uma pessoa essa ou aquela intenção na escrita. O



autor pode não ter pensado direito sobre o assunto, pode não ter pensado pelo mesmo prisma que nós pensamos ou pode não ter se aprofundado nas coisas da forma como gostaríamos, seja por insegurança, preguiça ou falta de interesse ou consciência mesmo. Ele pode ter colocado o foco em determinado fato por acreditar em algo sobre o qual estivesse enganado. Ou ter sido infeliz em suas colocações, ter escrito de forma inexata. Isso normalmente ocorre com autores iniciantes, com pouca experiência ou sem orientação honesta de um autor mais experiente. Acusar alguém é perigoso. É perigoso para quem acusa e perigoso para quem recebe a acusação. Um texto imputado a Shakespeare diz que um dia você pode ser julgado com a mesma dureza com que julga os outros e ser condenado. Para mim, quanto mais inflamada é uma pessoa na defesa de algo ou contra algo, mais ela está ligada sombriamente àquela coisa. Mais ela oculta de si aquilo que ela mesma não tem consciência. E joga esses conteúdos nos outros para se livrar da batata quente (claro que quase sempre inconscientemente). Daí busca em redes sociais o apoio de um público que pode ser ainda mais inconsciente, que legitima os argumentos como se fossem verdades universais, às vezes para ganhar simpatia, às vezes porque realmente acha que está fazendo um grande bem à humanidade. Não digo com isso que a crítica não deva ser feita, que o erro não deva ser apontado e que uma opinião pessoal sobre o assunto não deva ser emitida. Mas uma opinião eivada pela emoção, repleta de acusações e xingamentos, parece-me uma atitude infantil e antiprofissional. Alguém pode então dizer: “Mas sou um leitor beta amador. Não tenho que ser educado nem tenho que saber tratar o autor alisando a sua cabeça. Não é minha responsabilidade se ele errou.” Obviamente, não é do leitor a responsabilidade pelo erro do autor. Mas é igualmente óbvio que a capacidade de ser gentil, maduro e responsável não está ligada ao amadorismo ou não do leitor. Se alguém age mal nesse sentido antes de se profissionalizar, provavelmente continuará agindo assim quando se tornar um profissional. Então, ele deve praticar a compreensão e a tolerância desde cedo. Caso

quanto mais inflamada é uma pessoa na defesa de algo ou contra algo, mais ela está ligada sombriamente àquela coisa

contrário, será apenas uma pessoa grosseira querendo imputar (ou projetar) sua grosseria aos outros.

Nesses casos envolvendo autores e leitores críticos, podemos dizer que, no fundo, erros e ofensas são isentos de intenção?

A intenção é subjetiva, sendo muito difícil prová-la de forma responsável e cem por cento livre de viés ideológico, embora quem procure chifre em cabeça de cavalo possa achar. Fato é que o autor está sujeito a uma série de pressões. Tem uma pilha de livros para ler, um código ético e moral em constante transformação para respeitar, um mercado ávido e exigente para atender, uma sociedade confusa para satisfazer... E ele muitas vezes está só, sem ao menos ter noção de quais são seus conteúdos inconscientes, inclusive os sombrios, portanto jamais imaginando quando pode ser sabotado por um ato falho ou por um efeito contrário ao desejado em sua escrita. Eu poderia falar longamente sobre o assunto, mas, como disse antes, esse não é meu objetivo. Desejo suscitar uma reflexão, sabendo, claro, que elas despertarão raiva em alguns. É de se esperar, uma vez que o tema tem potencial para "ativar" seus conteúdos sombrios. Mas espero, de coração, que reflitam sobre isso que sentem agora. Sendo honestos consigo mesmos e olhando para este sentimento, talvez percebam que estar do outro lado de um texto – como leitor beta, leitor crítico ou revisor – não os torna muito diferentes do autor. Só muda o ponto de vista. Ambos estão ligados pela fragilidade diante de seus conteúdos sombrios e não podem dar-se ao luxo de se sentirem livres de um golpe sorrateiro de suas sombras: o autor com seus erros; os revisores ou leitores com seus julgamentos, repletos de tonalidade afetiva. Todos podem errar. Percebendo isso, talvez tenhamos mais humildade antes de julgar os outros. Juntos, podemos construir uma melhor literatura nacional, cheia de brilho e luz, realçada por contornos sombrios integrados à consciência. E isso tudo sendo humanos, demasiado humanos.

Que leituras você indicaria sobre o tema?

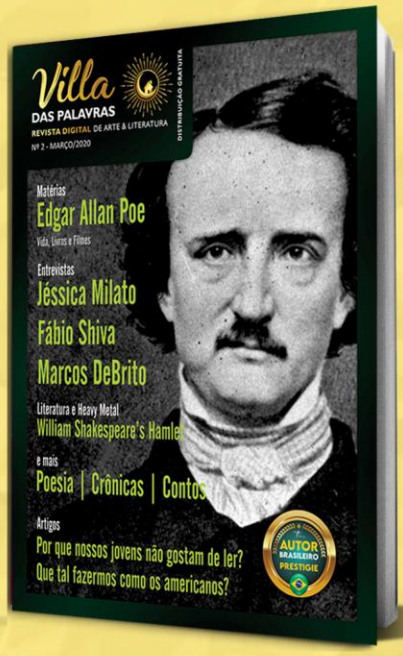
Antes de mais nada, eu gostaria de mencionar o grupo de estudos junguiano da Arkhé, escola idealizada por um colega e amigo, Luciano, e da qual sou integrante. Lá, dissecamos parágrafo a parágrafo a obra do dr. Jung toda semana. Sintam-se todos convidados a participar. Sobre títulos de livros, além dos que citei nas outras respostas, recomendo mais alguns muito bons. Em "Pecar e Perdoar", Leandro Karnal faz uma excelente leitura filosófica sobre a criação de normas sociais e religiosas, de como isso está ligado aos conceitos de *erro* e *pecado*. Mostra, como um tapa com luva de pelica, que altruísmo, pureza e bondade geralmente estão eivados pelo orgulho. Ler esse livro é como ter um espelho diante de si; ajuda a abrir os olhos para alguns de nossos conteúdos sombrios. Indico, em especial, para quem quer ser leitor beta, leitor crítico, revisor ou formador de opiniões. "Presente e Futuro" e "Aspectos do Drama Contemporâneo", de Jung, são belas obras que tratam de assuntos modernos ligados à sombra e ao fenômeno do nazismo. Permitem compreender sobre culpa coletiva, que pode estar ligada a muitas posturas nas redes sociais. Por fim, recomendo "O Homem e Seus Símbolos", organizado por Jung. Excelente livro para quem não é junguiano e deseja conhecer conceitos da teoria do autor (arquétipos, anima/animus, entre outros). ■

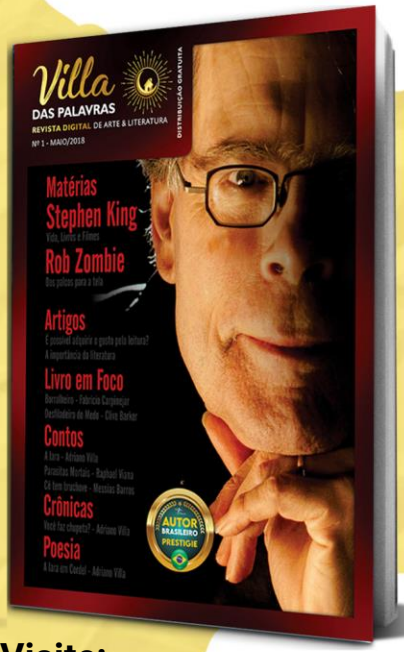
se você gosta de **revistas literárias...**

conexão Literatura

Visite:
http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/

Villa DAS PALAVRAS
REVISTA DIGITAL DE ARTE & LITERATURA





Visite:
https://www.adrianovilla.com.br/

Conto

ainda TEMOS tempo

MIGUEL
DRACUL

DESCONCERTADO, eu caminhava rodeado pelos prédios altos da avenida principal de minha cidade, sem notar os rostos que passavam por mim. Sem rumo, me forçava a andar apenas para manter a cabeça no lugar. Me sentia como se tivesse todos os pensamentos do mundo em minha mente e, ao mesmo tempo, nenhum. Precisava tomar uma decisão. Era meu primeiro dia de férias e passei no escritório para assinar alguns documentos. Meu chefe me jogou a bomba: eu seria transferido para fora da cidade quando voltasse.

Era uma boa oportunidade, claro, um salário mais alto. Significava que estava me tornando melhor no trabalho que executava... O problema é que eu odiava o que fazia. Estava me tornando cada vez mais competente em um emprego que me incentivava a olhar para a janela do décimo andar com um carinho pouco saudável. Tudo bem, isso foi um exagero, mas eu certamente não tinha prazer nenhum no campo profissional em que atuava. Reclamar ficava cada vez mais difícil com todos à minha volta repetindo quão orgulhosos estavam em me ver no escritório dando duro.

Meus desejos eram conflitantes e pouco práticos: permanecer na cidade, perto dos lugares e pessoas que amava, tentar abraçar um emprego menos estável – porém mais gratificante do ponto de vista pessoal – e prosperar. Eu estava tão distraído com minhas tribulações que demorei a perceber: alguém chamava meu nome.

– Dário! Ô, Dário!

Virei a cabeça procurando pelo dono da voz quando senti uma mão no meu ombro. Ao me voltar na direção do toque, deparei com uma figura conhecida: cabelos loiros bagunçados, olhos castanhos e um sorriso

largo que eu já não via tinha mais de dois anos.

– Gilberto! Nossa, quanto tempo! – Falei, enquanto o abraçava brevemente. – O que está fazendo por aqui?

– Viajando para um congresso de educadores. Teve alguma confusão com as passagens e a conexão do meu voo vai atrasar algumas horas, daí decidi dar uma volta. Você está ocupado?

– Na verdade, não. Acabei de entrar em férias – Expliquei.

Gilberto e eu havíamos estudado juntos durante a faculdade. Ambos saímos de nossas cidades natais almejando uma melhor oportunidade de ensino. Eu havia feito Publicidade; ele, Letras. Mas nos encontrávamos em disciplinas comuns, como Psicologia, nossa favorita na época. Topar com ele assim por acaso, passando pela cidade para a qual voltei depois de me formar, era como ter um pedaço de minha vida recortado do passado e colado no presente. Constatada a minha disponibilidade, acabamos indo a um café a duas quadras dali. Pedimos chá gelado e pão de queijo para acompanhar nosso bate-papo.

– E aí? Saudades da época da *facul*? – Gil perguntou.

– Nem de longe. Eu não via a hora daquela tortura acabar – Respondi de pronto.

– Ah, não foi tão ruim assim... Exceto talvez quando a biblioteca alagou na semana de provas e perdemos os nossos trabalhos, lembra? – Disse, rindo.

– Qual das vezes? – Ri também. – Mas, de fato, não era assim tão ruim. Não sempre. Mas eu só queria me formar, voltar para a minha cidade e fazer algo de bom. Estar lá não era uma festa, era parte de um plano.

Embora não tenhamos sido amigos tão próximos, era intrigante como naquele instante, pelo fato de Gilberto ter estado ao meu lado durante os anos da faculdade, eu me sentia mais conectado a ele do que a meus amigos que não haviam vivido essa experiência comigo. Gil conseguia entender até o que não era dito quando eu narrava as dores e os sabores que vivi nos quatro anos em que buscava o diploma.

– Você tem mantido contato com algum colega nosso? – Indaguei.

– Ah, uma foto aqui e outra ali na internet. De vez em quando converso com algumas das garotas, ocasionalmente as encontro em

congressos. Daniela casou.

– É mesmo? Achei que ia continuar enrolando o noivo mais um tempo. Ela dizia que, antes de qualquer coisa, queria morar fora do país por no mínimo cinco anos.

– Nunca foi, acabou casando pouco depois da formatura. A Maria tem uma filhinha agora, mas está indo pro doutorado. O Gaspar virou *coach* e o Érico trabalha na empresa do pai, guardou o diploma na gaveta.

– O Gaspar não sabia ligar o próprio celular sem ajuda... Virou *coach* de quê? – Questionei, rindo.

– *Life coach* – Gilberto disse, dando de ombros. – Provavelmente por isso que deixar de lado o celular seja uma das principais ferramentas no sistema de crescimento pessoal dele – Zombou. – Mas e você, o que tem feito?

A resposta honesta seria algo como "correndo sem direção, gritando e balançando os braços, como se minha cabeça estivesse pegando fogo", mas optei por manter a conversa leve em detrimento da sinceridade.

– Trabalhando na parte administrativa do banco Moraes & Galharde. Aquelas aulas de Cálculo que fiz pra distrair a cabeça serviram para algo – Brinquei. – E você?

– Caramba, Dário! Parabéns! É superdifícil entrar nessa empresa – Gil parecia genuinamente contente, mas não muito surpreso; lembrei de como ele dizia que eu era inteligente demais e que minha vida seria ou muito difícil, ou muito fácil. – Eu entrei com tudo na área escolar, agora só me chamam de professor Gilberto.

– Isso não me espanta. Você sempre foi o melhor em manter a atenção de plateias – Elogiei.

– É... Mas realmente achei que, a essa altura, minha vida estaria mais bem resolvida. Na maior parte do tempo ainda sinto como se, por fora, estivesse brincando de ser adulto; e, por dentro, correndo sem direção com os braços para o alto – Admitiu, comendo um pão de queijo.

Ficamos em silêncio por um momento.

– Já você, todo bem-sucedido, cada vez mais bonito, ganhando bem... Me conta como é vencer na vida? – Brincou despretensiosamente. – Está feliz?

Dessa vez, sem nem saber ao certo o motivo, ignorei o impulso de manter a superficialidade da conversa e disse exatamente o que pensei:

– Não. Não de verdade.

Gilberto me encarou, parecendo confuso. A realidade é que, naquela ocasião, ao contrário de meus amigos ou familiares, ele era como um transeunte. Eu poderia lhe dizer qualquer coisa. Seu julgamento não faria diferença em minha vida diária, tampouco eu me sentiria culpado por desapontá-lo.

– Detesto meu trabalho. Passei quatro anos naquela cidade tendo de suportar todas as coisas que alguém é obrigado a lidar ao morar sozinho e longe da família pela primeira vez porque queria uma profissão na qual pudesse tocar as pessoas. Eu queria... Eu *quero* sentir alguma coisa, quero que as pessoas à minha volta sintam e que meu trabalho as afete. Não consigo fazer isso onde estou agora. E não há nada de errado se alguém se sente feliz lidando com números e contratos, mas esse não sou eu – Desabafei em um único fôlego.

Gil me deu um sorriso amável e balançou a cabeça como se entendesse perfeitamente o que eu estava dizendo.

– As pessoas precisam de alguém que as afete como você – Disse, encorajador. – Ainda me lembro de como era criativo nas aulas. Se seu emprego não abre espaço para isso, então você e o mundo estão perdendo. Corra!

Gil olhou pela janela, distanciando-se por um momento antes de admitir com emoção contida:

– Queria que tivéssemos sido mais próximos na faculdade.

– Bem, ainda temos tempo... – Respondi, mais leve após meu desabafo.

– Na verdade... Preciso ir embora – Gilberto disse, quase se desculpando. – Não posso perder o voo – Riu-se.

Havíamos passado horas conversando. Levantamos. Fiz questão de pagar a conta, prometendo que ele poderia retribuir quando, retornando de viagem, a conexão de seu voo o obrigasse a passar novamente pela cidade. Eu estava decidido a fortalecer nossos vínculos depois desse encontro ocasional tão decisivo. Nos despedimos com um abraço e ele entrou em um táxi.

– Obrigado pela companhia, Dário. Queria ter mais tempo para

continuarmos conversando...

– Vamos manter contato de agora em diante – Afirmei, sorrindo.

O carro foi se afastando. Percebi o peso das palavras de meu amigo, que em uma tarde com chá e pão de queijo me fizera relembrar o propósito pelo qual eu havia partido da cidade anos atrás. Nós dois teríamos mais tempo, mas eu não tinha tempo algum a perder; nosso diálogo mostrara isso.

A questão não era resolver minha vida, mas ser feliz com ela. Eu estava buscando as soluções erradas porque não havia feito as perguntas certas. Minha insatisfação, meu dilema: tudo se esclarecera quando olhei um pouco para trás. Eu não mudaria de cidade. Caminhei de volta para casa e fui até o quarto onde se concentrava a bagunça. Em meio às caixas empoeiradas, resgatei algo do qual, por muito tempo, me mantive afastado: meu equipamento de fotografia. Sorri, com o mesmo frio na barriga que senti ao passar no vestibular. Quando terminassem as férias, eu pediria demissão.

■ ■ ■

Miguel Dracul tem 27 anos e é fã de seriados da década de 90, RPG e *videogames*. Nasceu em Campo Grande/MS, mas cresceu no interior de São Paulo, na cidade de Presidente Prudente. Apesar de sua conexão com a literatura vir da infância e de sempre ter criado histórias – incentivado pela mãe, mulher forte e criativa – formou-se em Psicologia na UNESP de Assis, com ênfase em clínica tradicional e psicologia da educação. O momento determinante para o direcionamento de sua escrita foi o da criação de seu *blog*, Obscuridade e Clareza, em 2013. Participou das antologias "Além do Arco-Íris" (Rouxinol), "Decididos – Uma Celebração Bissexual" (Margem), "Entre Portas e Histórias" (Bilbbo), "Histórias do Cotidiano" (Verlidelas), "Taverna Bode Mágico" e "Além do Sangue" (Sem Tinta). Miguel também é colaborador do *site* Seleções Literárias e produtor editorial pela Razzah Publishers.

Conheça mais **parceiros** da Verildeias

LiteraGindo

leitura inclusiva

O Literagindo foi idealizado pela jornalista cega Lúcia Mara Formighieri, que atuou como voluntária em projetos de inclusão social em Brasília e na webrádio portuguesa Sons do Tempo. Com textos de qualidade, o *blog* é voltado a pessoas com deficiência. Seu principal propósito é permitir a acessibilidade aos livros por meio da leitura inclusiva, que também é apresentada ao público geral. A partir de obras literárias diversas, o Literagindo realiza uma interação com o leitor, seja indicando livros, narrando histórias do cotidiano, respondendo aos comentários do público-alvo ou transmitindo um conteúdo acessível que visa prioritariamente a transformação da vida das pessoas.

https://literagindo.com.br/

Van Brevelhieri

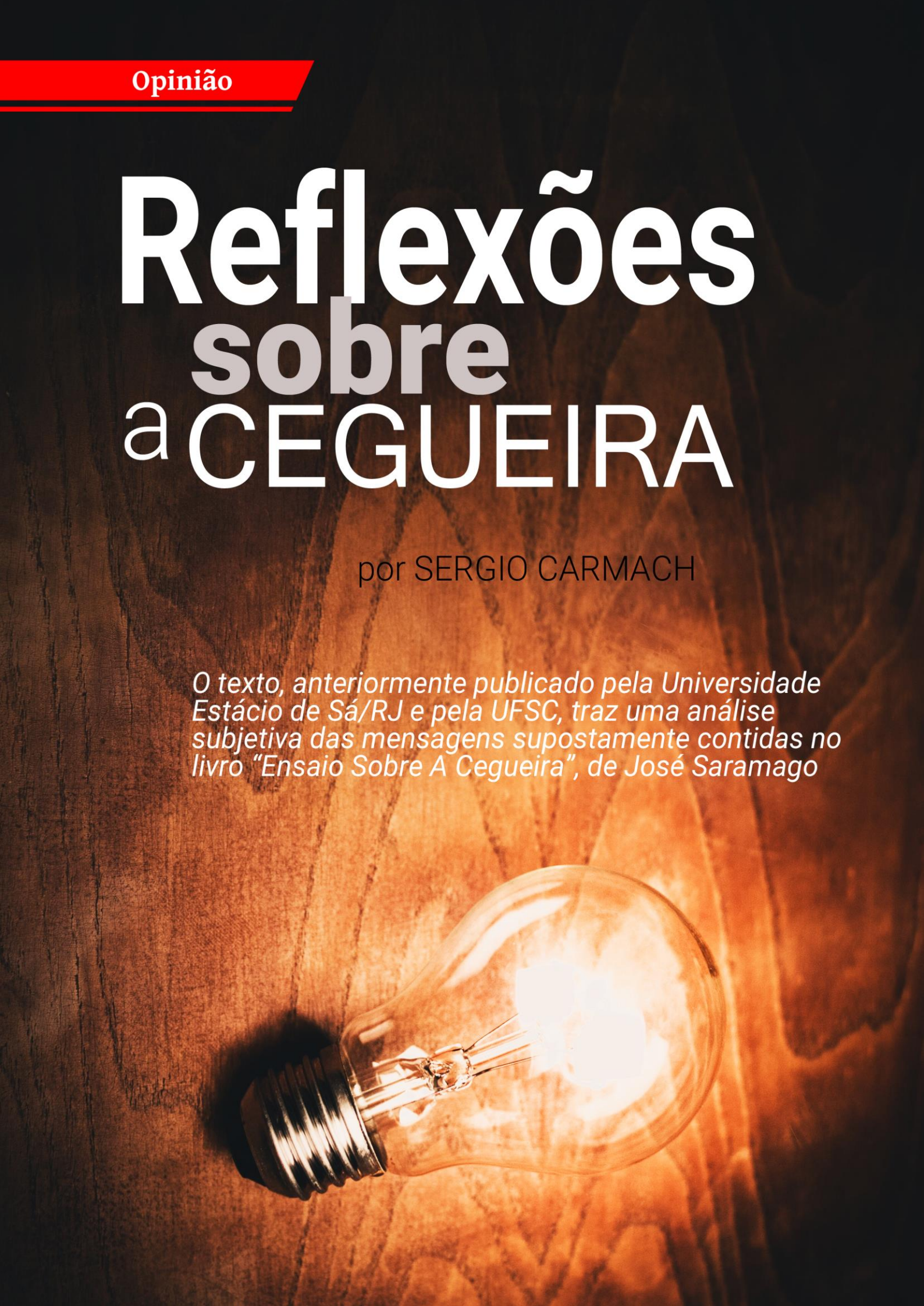
IG LITERÁRIO de
Van Brevelhieri
https://www.instagram.com/van__brevelhieri/

Opinião

Reflexões sobre a CEGUEIRA

por SERGIO CARMACH

O texto, anteriormente publicado pela Universidade Estácio de Sá/RJ e pela UFSC, traz uma análise subjetiva das mensagens supostamente contidas no livro "Ensaio Sobre A Cegueira", de José Saramago



A CEGUEIRA CAUSADA pela ausência de percepção filosófica está arraigada no cotidiano terreno de todos os membros ditos normais da sociedade, tendo sido isso muito bem demonstrado em "Ensaio sobre a Cegueira". O texto do livro compõe uma espécie de parábola, que, como convém a esse tipo de literatura, é dissertado através de metáforas e simbolismos.

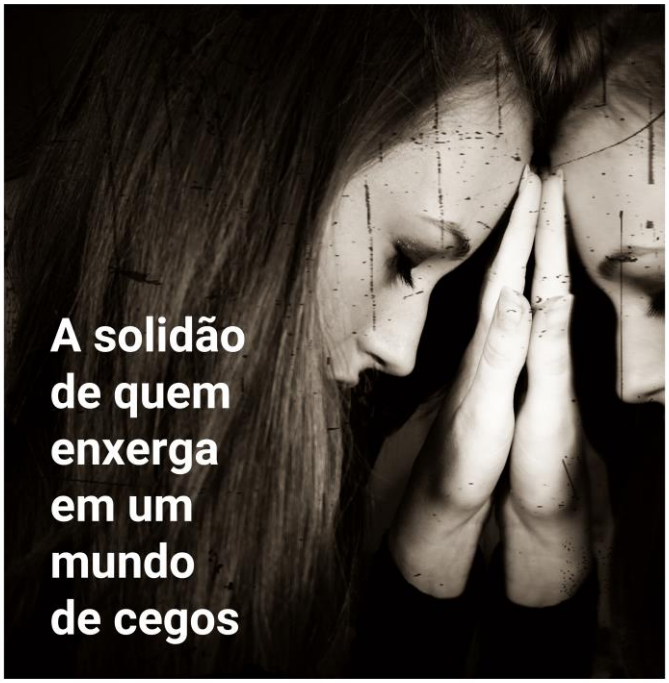
É interessante observar que parte da sinopse da história de Saramago pode ser vista como um dos aspectos da evolução cultural de uma sociedade. Então, vejamos: um homem é acometido por uma luz inexplicável que obstrui sua visão; a cegueira radiante passa a contagiar os que miram seu olhar, fazendo cada contaminado adquirir igual poder; em pouco tempo, todos estão cegos pela mesma treva branca, sendo obrigados a agir, ainda que a contragosto, de acordo com as limitações impostas por ela. Essa síntese pode ser facilmente associada à seguinte: um grupo primitivo entrega-se a costumes e ritos cegos, que suprem a angústia ocasionada pela ignorância; a cegueira providencial rapidamente se consolida entre todos os membros, perpetuando-se na forma de tradições coercitivas; dessa forma, o senso coletivo e irracional impede o desenvolvimento do pensamento. Tem-se aí a cegueira de caráter mais amplo, a cultural.

Dentro desta, podemos identificar diversas outras, sendo a mais preponderante a do

Seres humanos: imitadores cegos do que dita a cultura?

sentimento religioso. E esse é um dos prismas sob os quais se torna possível tirar os personagens da fantasia e encarná-los em entes reais. Lembremo-nos, de antemão, dos protagonistas: afora o primeiro cego e sua mulher, temos ainda o oftalmologista e sua esposa, o ladrão de carros, a prostituta, o menino estrábico e o velho da venda. Na história, o primeiro cego, privado da visão, procurou o médico, sacerdote no assunto. Mas a doutrina contra a cegueira, além de mostrar-se incapaz de solucionar o caso, não serviu para proteger um de seus próprios representantes. Por sua vez, os outros frequentadores do templo do sacerdote, dito consultório, já eram acometidos de desvios na visão antes da treva branca se manifestar. E o lugar em que deveria se processar a cura acabou se tornando palco de contágio de cegueira maior. Pergunta-se: Podemos entender, por meio dessa colocação, que Saramago considera as religiões e suas instituições como fontes de cegueira? E um detalhe desnecessário para a história levanta um questionamento ainda mais profundo: Por que o autor colocou, como pacientes do oftalmologista, somente pessoas, de uma forma ou outra,

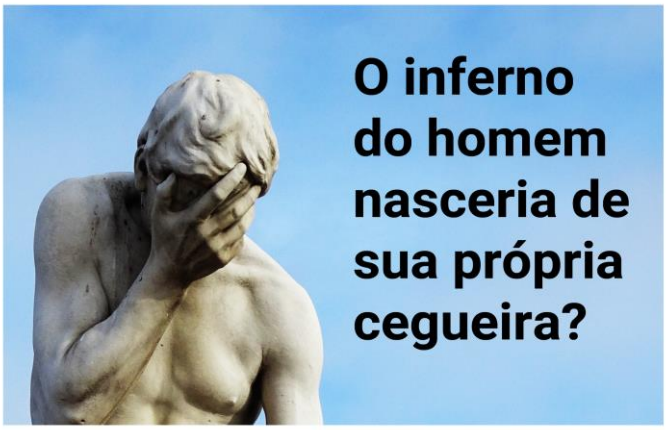
"repugnantes"? Temos uma mulher que vende o corpo, além de um menino e um velho, ambos de má aparência. Seriam os fiéis cegos e repugnantes?



Ainda na mesma questão, vemos que justamente os proscritos mencionados acima, talvez por serem os mais necessitados de razão, foram abençoados com a presença de uma dotada de visão para guiá-los. A mulher do médico, bastião da sanidade e do caráter, teria sido, então, a representação de uma espécie de messias. Somente ela foi capaz de ver o caos e a imundície gerados pela cegueira. Somente ela pôde provocar o fim das injustiças advindas da camarata dos bandidos. E somente ela teve a coragem de sacrificar integralmente seu bem-estar e sua dignidade pela coletividade.

Certos valores sólidos de nossa cultura também podem ser investigados em fragmentos do texto de Saramago. Um que pode ser citado é a exagerada estima que a sociedade cristã (e Portugal é um grande expoente desta) confere à vida em qualquer circunstância. Alguns livres-pensadores apenas a consideram aceitável enquanto gozada na plenitude, pois não parece razoável a preservação de fiapos de existência, como ocorre com os doentes terminais. No trecho em que o ladrão de carros, já com a perna totalmente infeccionada, resolve buscar ajuda junto aos soldados, ele crê que sua penosa situação despertará sentimentos nobres nos guardiães. Pois foi sumariamente fuzilado. Nessa passagem, observam-se duas particularidades: uma vinculada à hipocrisia da sociedade e outra à cegueira do doente. Com relação ao primeiro caso, é patente que o supremo apreço pela vida se extinguiu no momento em que esta representou um *suposto* risco, e não intencional, à integridade do coletivo social que positivou na lei a sacralidade dela, a sua preservação a todo custo. Com relação ao segundo caso, é impressionante constatar a cegueira do doente para a inevitabilidade da extinção da vida. Por mais iminente que se apresente o fim, sempre se nutre uma esperança de que ele não chegará, de que uma solução mágica surgirá para interromper sua inevitável ação. E, na história, esse posicionamento foi a tônica.

Nos trechos seguintes ao que é incendiado o manicômio, prisão inclemente segundo o sentimento dos doentes, percebe-se que o mundo externo dominado pela treva branca havia se tornado igualmente insuportável, apesar das



prerrogativas de conforto proporcionadas pelo uso de apartamentos particulares. Vê-se que a verdadeira causa das mazelas não era, então, o local onde estavam enfurnados, mas a falta de visão.

Com relação ao caráter humano, pode-se dizer que este é um fator agravante da cegueira.

E Saramago não parece muito convicto quanto à sua lisura. Em divagação que se inicia na página 25 e se estende até as três primeiras linhas da 27 (edição de 2002), o autor confronta sugestões, entre as quais a de que o caráter possa ser moldado pelas circunstâncias e de que a manifestação da consciência em prevaricadores simplórios possa ocorrer, em parte, devido ao temor. Mas demonstra descrédito contundente ao admitir que, mesmo em uma coletividade de desvalidos, o mal tem energia para germinar, tendo sido isso retratado na ação da quadrilha de bandidos cegos no manicômio.

O livro "Ensaio sobre a Cegueira", por se tratar de uma narração alegórica, permite tantas interpretações quanto o número de leitores que venha a ter. E cada detalhe da história – tal como o encarceramento dos suspeitos de contágio, a sequência de ações das autoridades, a prostituição forçada das mulheres no manicômio, a solidão da velha que comia carne crua – pode ser encarado como uma intenção do autor em transmitir uma mensagem. Sendo assim, conclui-se que uma parábola não tem o poder de extinguir a cegueira – já que o conteúdo desse tipo de texto pode ser adequado a ideias preestabelecidas – mas possui o dom de deixar seus portadores cientes de que ela existe. E é tal entendimento que despertará o desejo pela busca da visão. ■

Sergio Carmach
Autor de "Para Sempre Ana", livro indicado na categoria "melhor romance" do Prêmio Literário Codex de Ouro 2013. É também editor, revisor de textos e advogado.

Atmosfera Literária com Fabio Shiva é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

Confira online

Apoio:
Verlidelas Editora

poesia

Aprendiz

Quando vieres
Verás meu abraço
Verás que és cabaço

Mesmo assim não fiques triste
Verás que gostas de alpiste
Verás que não sabes o que dizes

Verás que és ainda um aprendiz

Da vida quem sabe...

ALEXANDRE MATHEUS

Nascido no Rio de Janeiro em 1997 e atualmente cursando Ciências Atuariais na UFF, flerta com a literatura e a poesia desde a adolescência. O espírito livre fez dele um leitor eclético, que sabe apreciar de Riordan a Tolstói, de Rowling a Bukowski. Ao compor versos, deixa aflorar sua natureza criativa e buliçosa. Participou da antologia “Indrisus”, lançada pela Verlidelas em 2019.

RESULTADO DA SELEÇÃO

para a antologia

O MEDO QUE NOS ENVOLVE

Ana Paula Leandro Chicarelli – Noite Sombria
Antonio Carlos Soares dos Santos – Escuridão
Antonio Henrique Garcia – A Fruta Azeda do Medo
Daniel Lima Costa – Invisível
Eduardo Cardoso – Em Nome do Medo
Fernando Francisco Cruz – Animal
João Carlos Catalão – O Assassino do Bosque Sombrio
Josafá Paulino de Lima – A Hora Fatídica
Keli Cristina Braz Loro – O Medo de Ter Medo
Lorena de Marqui Lopes da Silva – O Homem da Cartola
Luana Luiza Nicoletti – Tatuagem
Lucas de Medeiros Silva – Ainda Assim Restam os Portões
Margareth Miyamoto – Vendaval
Marisa Rita Keck da Silva da Fonte – Você Tem Medo de Quê?
Marlene Aguiar Rubio – O Espirro
Paulo dos Santos Marques Júnior – A Noite de Sono de Fernando
Pedro Henrique Ribeiro dos Santos – Lígia
Roberto Schima – Góticos Reflexos
Rodolfo De Souza – Olho por Olho
Rodrigo Marchezoni de Oliveira – Quando os Deuses Funcionaram
Thalya Maura Ferreira Jorge da Silva – Ao Entardecer de Cada Dia
William Lima Ribeiro – Gêmeos Fóbicos

Autora convidada:
Regina Drummond – O Bebê Maligno

Organizadores:
Cida Simka – Haverá Outra Oportunidade?
Sérgio Simka – A Janela do Quarto de Sophie

VERLIDELAS